



Muitas festividades pelo bicentenário de nascimento do poeta *Gonçalves Dias*

• PAG. 4, 5 e 6



O ex-presidente José Sarney com o ator Uimar Junior representando Gonçalves Dias

Bela festa em Brasília para homenagear a médica e baronesa *Lúcia Nobre Itapary*

• PAG. 8

Divulgação



UM FOCO
de luz na sempre bonita e charmosa maranhense Mariana Gromwell Araújo, radicada em Brasília

• PÁGS. 3

O que ficava no fundo, veio à tona. O que era oculto, foi decifrado. Quem estava escondido, deixou de ser tímido. Quem guardava um tesouro, embriagou-se. Quem estocava palavras, desandou. Não há mais segredos, embora persistam os mistérios.

O mundo é um enorme divã, mas a angústia permanece. A pobreza de espírito implantada impede que se formem feixes de luz, ambientes habitáveis, grandezas.

Há um espalhar de ruínas. Os ventos sopram, invariavelmente, restos de uma estranha ferocidade.

Matamos ilusões, mas adquirimos outras. Somos uma espécie de microrganismos que ganham imunidade às vacinas. Novas obsessões andam aos pares, como almas gêmeas.

A certeza de que nada muda convive com a caridade performática: o vazio e o pessimismo geram assim seu antídoto, as boas intenções. A indignação passa para o próximo bloco, mas o ressentimento permanece. O amor dura meia estação, enquanto todos trocam juras em frente às câmaras. Quem romperá esse círculo de ferro? A cria-

O MUNDO

é um enorme divã, mas a angústia permanece com seus diamantes do acaso

ção, tão pouco entendida. Costuma-se confundir os verbos: inventar parece idêntico a imitar. Já que é impossível entender de onde vem a inspiração, a fonte que gera uvas, a liga que viabiliza o ninho, o visgo que transforma o ovo, então se decreta o fim do enigma: basta puxar de um outro nicho a fantasia que concorre em originalidade.

É uma confusão perversa, pois nega (e finge que confirma) o que o espírito possui de mais genuíno, que é a capacidade de recolher trapos de espanto a rolar pelo cais.

Destramar as redes que são impostas em discursos e retomar seus fios em novas combinações é, aparentemente, o mesmo que rein-

ventar a roda. A diferença é sutil para quem consome, mas não para quem se toca. É brutal para quem assume o papel de protagonista nesse passe de mágica.

O duro é ter optado pela criação, que não tem volta, enquanto participamos de um cruzeiro com cartas marcadas. As emoções baratas, fundadas em imitação, formam o álibi perfeito para a mediocridade triunfante, que se locupleta no Mesmo.

Enquanto isso, fica à margem a excelência do ofício: reunir o que está disperso, muito mais urgente do que expor as vísceras.

Jogadas pelos cantos, vivência e cultura compartilham o impasse provocado pelo mul-

tiuso. De tanto ver triunfar as nulidades, proprietárias do pensamento, a desesperança colhe flores amargas.

O que nos deslumbra fica para trás, ou nos engana: é descartável a revelação que deveria transformar vidas, mas não dura um fim-de-semana. Perdemos a noção do perigo: deixamos de abraçar o que nos habita, sob a justificativa de que nada vale a pena, já que nos convenceram da nossa pequenez.

Ligamos botões e desligamos o Acaso, essa permissão da divindade, esse esquecimento, o não-lugar de onde é possível renascer.

Onde encontrar a diferença que provoque faísca, onde está a madeira de novas fogueiras? Boiam sobre o mar os restos dessa tempestade. É neles que encontramos sobrevivência. Juntamos tábuas no alto da maré, raspamos pedras sob a chuva.

A intensidade da estação nos provoca: é hora de armar o dia sem medo de errar. Não importa o que digam. Talvez nos cobrem coerência, pose, postura. São armadilhas do vazio.

Veja o sol, que interrompe a treva. Tão previsível na sua sementeira de diamantes.



Dona Marly e o ex-presidente José Sarney com os filhos Roseana e Fernando



José Sarney, Merval Pereira, Antonio Carlos Secchin e Lourival Serejo

BELA TARDE

com os temperos maranhenses da família Sarney, no Calhau

De volta ao antigo casarão da família, no Calhau, com uma vista deslumbrante para a praia do mesmo nome, Dona Marly e o ex-presidente José Sarney com os filhos, deputada Roseana Sarney (e o marido Jorge Murad) e Fernando Sarney reuniram acadêmicos da AML e outros intelectuais maranhenses para um almoço em homenagem aos escritores Antonio Carlos Secchin e Merval Pereira, ambos confrades de Sarney na Academia Brasileira de Letras.

Aliás, jornalismo, literatura e política estão presentes na história familiar de Merval Pereira, atual presidente da Academia Brasileira de Letras, e o aproximam do Maranhão. Ele é neto do maranhense Clodomir Cardoso, um dos fundadores da Academia Maranhense de Letras e criador da Cadeira nº 12, para a qual escolheu como patrono o jornalista Joaquim Serra. O avô do presidente da ABL também exerceu o jornalismo como redator e diretor do jornal "A Pacotilha".

Cardoso ainda teve atuação na política como senador da República, interventor no Maranhão, constituinte de 1946.

Em 1917, eleito prefeito de São Luís, Clodomir Cardoso introduziu a iluminação elétrica na cidade, fato registrado no romance "Os Degraus do Paraíso", do acadêmico Josué Montello. Acompanhado desse legado, Merval Pereira veio a São Luís na semana passada, para participar da sessão solene comemorativa ao Bicentário de Nascimento do Poeta Gonçalves Dias e aos 115 anos de fundação da Academia Maranhense de Letras, com cerimônia de entrega da Medalha 200 Anos de Gonçalves Dias.

Mais cedo, os dois "imortais" foram o centro das atenções no almoço dos Sarney que contou com a presença do presidente da Academia Maranhense de Letras, Lourival Serejo, e um grupo representativo de membros daquele sodalício.

Boas conversas dominaram o ambiente e, como se fosse um filme

rodando na minha memória, me remeteram ao começo dos anos 90 do século passado quando, após deixar a Presidência da República, José Sarney e Dona Marly reuniram uma plêiade de intelectuais no casarão do Calhau para um almoço que marcou época.

Ali podíamos conversar com Rachel de Queiroz e Ana Maria Machado, com os irmãos José e João Condé (fundadores do Jornal de Letras), o grande cronista político Carlos Castelo Branco, o romancista Josué Montello e Yvonne, Jomar Moraes, Benedito Buzar, entre outros.

A certa altura, quando Rachel de Queiroz (autora do romance O Quinze) avistou o escritor Josué Montello entrando com alguns minutos de atraso, não se conteve e comentou: "Lá vem o Josueu". Em seguida esclareceu que Josué só falava de si mesmo. Quando o autor de "Os tambores de São Luís" soube do comentário, ficou furioso. E rebateu: "Aquele é uma velha invejosa e rabugenta". Mas Rachel não ficou sabendo dessa última parte.



O Repórter PH e Roseana Sarney com o Ministro Reynaldo Soares da Fonseca (do STJ) e o ex-presidente José Sarney



Sarney recebendo o Reitor da UFMA, acadêmico Natalino Salgado



Jorge Murad Junior e o acadêmico Sebastião Moreira Duarte



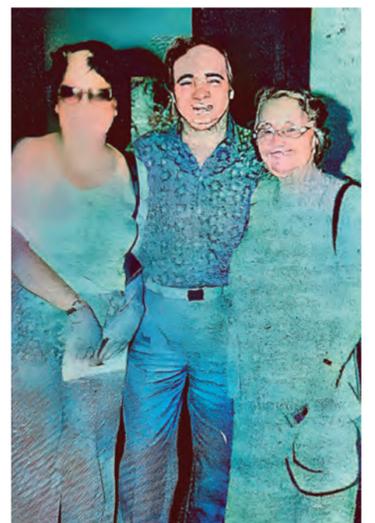
Acadêmica Laura Amélia Damous e Ana Clara Sarney



Acadêmicos Felix Alberto Lima, Alex Brasil e José Jorge Leite Soares

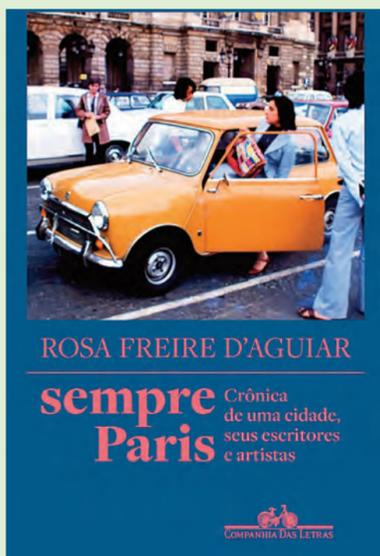


Fernando Sarney entre os acadêmicos Benedito Buzar e Joaquim Haickel



Recordação do outro almoço na casa dos Sarney, nos anos 1990: as escritoras Ana Maria Machado e Rachel de Queiroz com o jovem Repórter PH

Fotos/Divulgação



Paris para sempre

Ao combinar memórias e entrevistas, a jornalista e tradutora Rosa Freire d'Aguiar deve lançar no mês de outubro o livro "Sempre Paris – crônicas de uma cidade, seus escritores e artistas".
A obra, aguardada com muita expectativa pelo meio literário, "oferece um registro extraordinário de uma cidade e de uma época pulsantes", de acordo com informações da editora Companhia das Letras.

Paris para sempre...2

Os restaurantes mais badalados da época, a chegada do primeiro avião comercial supersônico, a devolução do deserto do Sinai ao Egito, tudo que dizia respeito a cultura e política internacional virava notícia, que era rapidamente despachada por telex para o Brasil. E, claro, as longas entrevistas, que marcaram a era de ouro das publicações impressas.
Com um texto saboroso, na melhor tradição do jornalismo literário, a autora reconstituiu a atmosfera fervilhante que dominava a cidade – dos cafés e livrarias até os embates sociais e políticos que permeavam o dia a dia dos franceses.

Paris para sempre...3

O livro ainda inclui 21 entrevistas com intelectuais, escritores e políticos, personagens incontornáveis da história cultural do século XX. Alguns nomes de destaque que aparecem no livro de Rosa Freire d'Aguiar são Roland Barthes, Romain Gary, Simone Veil e Suzy Solidor; Ernesto Sabato, Eugène Ionesco, Fernand Braudel e François Perroux.
E mais: Julio Cortázar, Michel Serres, Norma Bengell, Peter Brook, Raymond Aron, Alain Finkielkraut, Alberto Cavalcanti, Conrad Detrez, Elisabeth Badinter, Françoise Giroud, Georges Simenon, Jorge Semprún e Roger Peyrefitte.

Nauro Machado e a Mangueira

O que o poeta maranhense Nauro Machado teria a ver com a escola de samba carioca Mangueira? Aparentemente, nada.
Mas é que o samba enredo da Verde e Rosa do Carnaval do próximo ano leva a assinatura de Lequinho e Gabriel Machado, em homenagem à cantora Alcione.
Para quem não sabe, Gabriel é filho de Nélio Machado, primo de Nauro Machado.

Última trincheira

Segundo o ministro Edison Vidigal, Nélio Machado é neto do deputado Lino Machado, proprietário do jornal "O Combate", trincheira das Oposições Coligadas que enfrentaram o domínio de Vitorino Freire por 20 anos no Maranhão.
De acordo com Vidigal, "O Combate" ostentava no cabeçalho o verso de Gonçalves Dias: "A vida é combate que os fracos abate...".

DESTAQUE DA CAPA

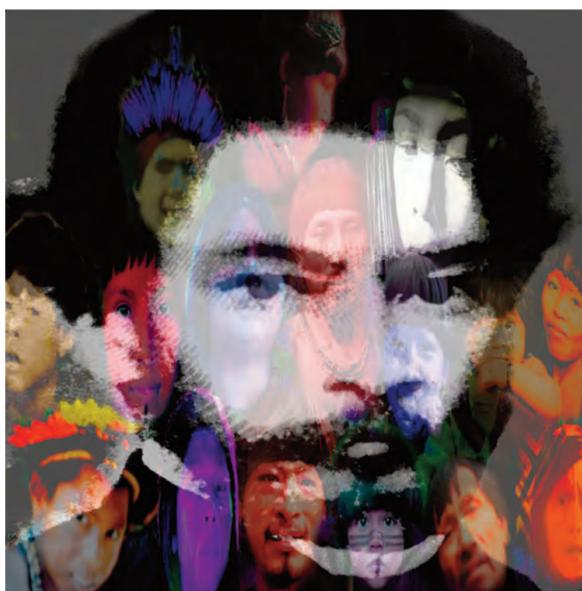


Em Brasília, onde foram participar da homenagem da Câmara dos Deputados ao Bicentenário de Gonçalves Dias, o presidente da Fundação da Memória Republicana Brasileira, advogado Kécio da Silva Rabelo, e a diretora Administrativa e Financeira, Teresa Martins. Os dois foram recepcionados por Marilene Dias e sua filha Mariana Cromwell Araújo, que é o destaque de Capa do PH Revista deste fim de semana



Aldeia de ideias

Ainda como parte da programação comemorativa ao bicentenário de nascimento do poeta Gonçalves Dias, a Academia Maranhense de Letras realiza nesta sexta-feira, às 18h, a abertura da exposição "Aldeia de ideias", da artista plástica mineira Carmen Thompson, no Convento das Mercês.
Carmen já expôs em galerias de Nova York, Japão e Europa.
Em sua passagem por São Luís, a artista apresenta uma mostra do seu trabalho inspirado na fotografia expandida, técnica que mistura linguagens em processos criativos, artísticos e estéticos.



Traços indígenas

A exposição de fotografias de Carmen Thompson é marcada por interferências de traços delineados utilizando tintas acrílex e guache.
As cores realçam rostos de indígenas sobrepostos e ao mesmo tempo em sintonia com o ambiente sistêmico multicolorido exibido, sejam folhas, água, árvores ou onças.
A exposição "Aldeias de Ideias" fica aberta ao público até 15 de setembro.



EM ALMOÇO recente, Valéria e sua mãe Marilena Belo entre Ana Lúcia Albuquerque e sua mãe, Dona Cacilda Albuquerque, que dia 7 de outubro comemora 97 anos, e Melina Sereno Fernandes



REENCONTRO de família no concorrido almoço do Restaurante Senac, ontem: os irmãos Marco Aurélio e Alexandre Gomes Pinto (ambos médicos, em Aracaju) com os primos PH e Félix Alberto Lima (ambos jornalistas, em São Luís)

CNI e exploração de petróleo

A Margem Equatorial é uma região que compreende desde o litoral do Rio Grande do Norte ao Oiapoque, no Amapá, e concentra bacias com alto potencial de produção de óleo e gás.
A reunião do Conselho de Meio Ambiente e Sustentabilidade (COEMAS) da Confederação Nacional da Indústria (CNI) discutiu temas como o licenciamento ambiental e a exploração de petróleo na região, que inclui o Maranhão.
O presidente da Fiema, Edilson Baldez, que também é conselheiro da CNI, participou da reunião presencialmente, em São Paulo, na última quarta-feira.
A Fiema já discute a exploração da Margem Equatorial há alguns anos juntamente com o governo estadual.



Taladiz nos Lençóis

Vicente Mas Taladiz escolheu o Maranhão para finalizar sua permanência à frente do Consulado Geral da Espanha em Salvador, que tem como domínio o Norte e Nordeste do Brasil.
Chrisane Barros Castro, juntamente com os espanhóis Maria Christina e Armando Castro Filho foram seus anfitriões nos Lençóis Maranhenses, cujo ponto alto foi um Tekkeing (caminhada a pé) de três dias atravessando os Lençóis entre Atins a Santo Amaro.
Em tempo: não será supresa para esta coluna, que depois de um merecido descanso em Madri, Vicente volte às Américas como Embaixador.





Decano da AML, José Sarney com o ator performista Uimar Junior, caracterizado de Gonçalves Dias



Merval Pereira, desembargador Ricardo Duailibe, José Sarney e Lourival Serejo na mesa de honra

ACADEMIA

celebra o bicentenário do poeta Gonçalves Dias com sessões solenes e palestrantes renomados

O Bicentenário de Nascimento do poeta Antônio Gonçalves Dias tem sido celebrado ao longo do ano por meio de uma série de eventos organizados pelo Comitê Especial Gonçalves Dias 200 Anos, da Academia Maranhense de Letras.

Na primeira semana de agosto começou o ciclo de palestras ministradas pelo professor, membro da Academia Brasileira de Letras e diretor da Biblioteca Nacional, Marco Lucchesi; pelo escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, Antônio Carlos Secchim; e pela escritora Ana Miranda.

A programação contemplou ainda o lançamento do selo oficial Gonçalves Dias 200 Anos, a sessão solene comemorativa ao Bicentenário de Nascimento do Poeta Gonçalves Dias e aos 115 anos de fundação da Academia

Maranhense de Letras, e teve como ponto alto a cerimônia de entrega da Medalha 200 Anos de Gonçalves Dias.

As homenagens se estendem para fora do Maranhão e já repercutiram em Brasília, onde os deputados federais participaram de uma sessão solene em homenagem ao Poeta, no dia 14 de agosto, no Congresso Nacional.

Considerado o mais importante poeta do Romantismo brasileiro, autor do poema Canção do Exílio, Gonçalves Dias, que nasceu em 10 de agosto de 1823, foi também etnógrafo, dramaturgo, historiador e professor. Foi membro criador da Escola Indianista ou Panteísta. Por sua imensa contribuição literária, é patrono nas Academias Brasileira de Letras, Brasileira de Filologia, Maranhense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.



Homenageada com a Medalha, Arlete Nogueira da Cruz Machado entre os acadêmicos Ana Luiza Ferro e Américo Azevedo Neto



Sarney beija a testa da amiga Arlete Nogueira da Cruz Machado



Homenageado com a Medalha, o Repórter PH com os acadêmicos Sonia Almeida e Carlos Gaspar



O procurador geral de Justiça, Eduardo Nicolau com o Repórter PH



O prefeito Eduardo Braide com os acadêmicos Laura Amélia Damous e Lourival Serejo



O ministro Reynaldo Soares da Fonseca com os acadêmicos Laura Amélia e Lourival



O vice-governador Felipe Camarão com o acadêmico Lourival Serejo



O Repórter PH com um secretário de Cultura de cada lado: Marcos Duailibe (da Prefeitura de São Luís) e Yuri Arruda Milhomem (do Estado do Maranhão)



Rosa Ferreira Lima com João Pedro Borges (o Sinhô) e Teresa Borges



Mundinha Araújo e Rutinéa Amaral (representando Maurício Feijó) iadeiam Manoel Aureliano Neto e Natalino Salgado



Poeta Salgado Maranhão e José Ewerton Neto



Flávio Dino, Eduardo Braide e Eduardo Nicolau



Marcelo Vieira Brasil



Edilson Baldez das Neves



Fernando Mouchreck



Edmilson Sanches



Inauguração na AML da placa alusiva ao bicentenário de Gonçalves Dias



Performance da atriz que se vestiu de Ana Amélia, a musa de Gonçalves Dias



Fernando Mouchreck regendo o Coral São João



Yuri Arruda Milhomem e o vice-governador Felipe Camarão



Ministro Flávio Dino com o Repórter PH



Felipe Camarão, Felix Alberto Lima, deputado Carlos Lula e Sebastião Moreira Duarte



... de Castro e Alberto Tavares da Silva



Des. Froz Sobrinho, Edmilson Sanches, Lourival Serejo, o Repórter PH e Yuri Arruda Milhomem



Acadêmicos Alberto Tavares Vieira da Silva, Carlos Gaspar e José Carlos Sousa Silva



João Pedro Borges e Ivan Sarney



Carlos Dimuro e Ana Luíza Ferro



Dilercy Adler e Daniel Blume



Vereadora Karla Sarney e Dilercy Adler



Poeta José Maria Nascimento com José Sarney e



Kécio Rebelo e José Jorge Leite Soares



Felix Alberto Lima



Joaquim Haickel (de pé) saudando os convidados para o jantar em homenagem aos acadêmicos Antonio Carlos Secchim e Merval Pereira, da Academia Brasileira de Letras

INTELECTUAIS EM JANTAR NO BLUE TREE

A Academia Maranhense de Letras reuniu acadêmicos locais e visitantes, na noite de 10 de agosto, após as festividades na sede da entidade, para um jantar de confraternização com as presenças do presidente da Academia Brasileira de Letras, Merval Pereira, e seu colega de fardão, Antonio Carlos Secchin, além de figuras destacadas

do meio intelectual maranhense.

Anfitrião da noite, Lourival Serejo comemorava também o sucesso das comemorações realizadas, horas antes, na sede da entidade, na Rua da Paz.

O resultado foi uma reunião agradável, de grande charme e quitutes deliciosos regados a um delicioso Malbec chileno.

Fotos/Divulgação



Lourival Serejo e Ana Maria



Elsior Coutinho e Nair Portela



Joaquim Haickel e Jacira, Beth e José Jorge Leite Soares



Cristiane e Alexandre Lago



Cristiane Lago e Ana Maria Serejo



O Repórter PH e Jacira Haickel



Jacirema e Manoel Aureliano Neto



Lourival Serejo e o Repórter PH



Américo Azevedo Neto com o PH e Arlete Nogueira da Cruz Machado



Felix Alberto Lima e Lourival Serejo



Daniel Blume com a mãe Sonia Almeida e a esposa Priscila



Felix Alberto Lima, Daniel Blume e Sônia Almeida cumprimentando os homenageados



Laura Amélia Damous e Chico Saldanha

CINEMA no mais alto nível da arte humana

São misteriosos os caminhos percorridos por uma obra de arte em nossa vida. Somos o que somos porque nos impregnamos dos grandes autores, ou apenas nos identificamos com eles? Fomos formatados pelo que nos mostraram ou temos nossa contribuição autônoma, herdada ou elaborada, de princípios, certezas, hábitos, percepções que definem nosso perfil? Faça essas perguntas depois de, inspirado numa bela crônica do poeta Nei Duclós, rever *La Dolce Vita* (1960), de Federico Fellini, que encara como um romance literário via narrativa cinematográfica e que versa sobre o suicídio da consciência, em que um protagonista, interpretado por Marcello Mastroianni, vive o vazio de uma rotina de jornalista de fofocas que desiste da carreira de escritor e acaba publicitário.

O desfecho do filme é revelador. A turma dos madrugadores aporta numa praia onde está sendo recolhido um monstro marinho, uma arraia morta há três dias, que mantém um olhar onívoro, que devora todos ao redor. Marcello rodeia o bicho e não consegue escapar daquele olhar, que é a sua consciência morta ainda encarando o que fez da sua vocação. Ele se afasta do grupo e enxerga ao longe a garota que conheceu no dia em que tentou escrever seu romance. Retrato da inocência e da pureza, a menina veste luto sobre a branca areia e tenta lhe dizer alguma coisa, mas Marcello está impermeável, já fez sua escolha. Então ele se retira e a moça é filmada em seu esplendor de vida nova e nos olha como denúncia e convivência.

Ficamos firmes em nossa vocação porque não quisemos ser aquele pobre profissional romano que circula por vários ambientes humanos com seu tédio e sua falta de escrúpulos? Sabíamos do perigo antes de ver este filme primoroso? Acredito que Fellini e tantos outros nos criaram e nos decidimos pela arte, embora tenhamos também cedido diante dos perigos da sobrevivência.

A obra de arte é sempre um parâmetro e a ela retornamos para entendermos melhor o que se passa conosco. Eu tinha esquecido quase tudo do filme, foi como ver pela primeira vez, mas senti que faço parte dele. Lembrava apenas algumas cenas, como o célebre banho de Anita Ekberg na Fontana de Trevi, ou o impacto da notícia da morte da família no assédio dos paparazzi sofrido pela viúva que ainda não sabia da morte do marido e filhos.

Vejo o filme como um romance com capítulos bem definidos numa cidade entregue ao fetichismo religioso e da indústria do espetáculo (o que às vezes se confunde, como na cena da igreja em que Marcello ouve o amigo Steiner, interpretado por Alain Cuny, tentar jazz no órgão).

A visita da estrela clone de Marilyn Monroe com sua estupidez assessorada, seus arroubos megalomaniacos, sua manipulação dos homens, é uma crônica cruel de costumes da Sétima Arte comercial e do jornalismo de entretenimento. Fellini é radical e não deixa pedra sobre pedra. A surra do tarzã Lex Baker na mulher que passou a noite fora com Marcello, que também apanha, é o final desse capítulo primoroso e inesquecível, que praticamente diz tudo sobre o vazio das vidas cooptadas para a exposição milionária de egos.

A relação de Marcello com a namorada louca, suicida e ciumenta Emma, interpretada por Yvonne Furneaux, é um drama de excessos que mergulha num intimismo de brutalidades, onde se diz tudo e as pessoas saem machucadas e incapazes de se separar.

A porção do filme rodada num castelo onde se caçam fantasmas na festa patética, mostra o que foi feito de um poder tradicional e aristocrático que se esvaiu diante da imposição da economia invasiva americana do pós guerra.

Steiner, o amigo de Marcello, é seu modelo de dedicação à família, de concentração e sobriedade, avesso à roda viva em que está metido. Mas é uma ilusão. O próprio Steiner avisa que não é feliz e que preferia se desperdiçar numa vida sem compromissos do que se reduzir a uma cela doméstica. O assassinato dos filhos seguido de suicídio é a prova de que aquela casa tão cheia de talentos o tempo todo, de festa entre intelectuais e artistas, era tão vazia quanto a reunião de nobres falidos ou estrelas do jornalismo e do cinema.

A salvação de Marcello não estava nos outros, mas em si. Ele não teve coragem de encarar essa verdade e entregou-se para o pior dos mundos, a mentira da publicidade, onde se transforma num bruto manipulador de pessoas, um execrável personagem da noite romana. Teve sua chance quando tentou entregar-se ao seu verdadeiro ofício, o talento que no fim abandonou. Preferiu que sua consciência se suicidasse por preguiça e covardia. Eis a lição profunda do Mestre Federico Fellini, insubstituível na sua obra que colocou o cinema no mais alto nível da arte humana.

Ninguém se compara a ele hoje. O remédio é revisitá-lo para redescobrir o que precisamos. Revendo grandes filmes como este, podemos nos conhecer melhor e encarar a vida com menos dor e mais vontade de acertar.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



O homenageado João Bugarin com a esposa Rosa Soares Bugarin, entre o deputado Arnaldo Melo, Virgínia e Desembargador Ricardo Duailibe, Cristiana e Ricardo Costa

TÍTULO DE CIDADÃO MARANHENSE PARA JOÃO GERALDO BUGARIN

Com uma sessão solene das mais prestigiadas, presidida pela deputada Iracema Vale, a Assembleia Legislativa do Estado fez a entrega do título de Cidadão Maranhense, proposto pelo deputado e ex-governador Arnaldo Melo, ao senhor João Geraldo Bugarin.

Entre os presentes, estavam o Ministro Reynaldo Soares da

Fonseca, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), o presidente e o vice-presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão, desembargadores Paulo Velten e Ricardo Duailibe, o Corregedor Geral da Justiça, desembargador Froz Sobrinho, o juiz federal aposentado Alberto Tavares Vieira da Silva, além de parlamentares e outros convidados.



João Geraldo Bugarin e o deputado Arnaldo Melo



João Geraldo Bugarin com o deputado Arnaldo Melo, desembargador Ricardo Duailibe e a presidente da Assembleia, deputada Iracema Vale



Desembargador Paulo Velten (presidente do TJMA) com a deputada Iracema Vale e o deputado Roberto Costa



Deputado Wellington do Curso com Rosa e João Geraldo Bugarin e Arnaldo Melo



Alberto Tavares, ministro Reynaldo Soares da Fonseca e des. Froz Sobrinho



Rosa Soares Bugarin e João Geraldo Bugarin entre a deputada Iracema Vale e o deputado Arnaldo Melo



Virgínia Duailibe entre a Dra Rita de Cassia Maia Batista e Luziânia Fonseca

JANTANDO O NOTICIÁRIO

Antigamente, os poetas compensavam suas desilusões com cavas e profundas olheiras, uma cinturinha de toureiro andaluz e uma tísica fatal até que o doutor Fleming descobriu as sulfas e a penicilina.

Hoje, comer é uma compulsão do mundo moderno, uma “doença” do século 21, talvez para contrabalançar as suas angústias. Ser poeta e ser tuberculoso era uma “associação” quase natural. Um grande desgosto no amor ou na vida e – zás! – o sujeito se recusava a comer.

Que falta faz o mal de siècle, pelo qual uma face encovada e a ausência de barriga atestavam a “sensibilidade” do homem. Hoje, até os poetas são obesos. Talvez porque as desilusões e as más notícias sejam servidas à mesa.

É preciso ter muito estômago para ligar o telejornal na hora do jantar. Há sempre uma bandeja de más notícias invadindo o seu palato.

O cardápio reúne quase todas as proteínas do mal. Justiça corporativista. Governos e prefeituras apanhados em grossa roubalheira. ONGs fantasmas “sugando” o meu, o seu, o nosso. Políticos ordenhando estatais.

Os “grampos” já não valem como provas, mas as gravações continuam “aterrorizantes”. Um deputado liga para o empreiteiro e reclama:

– Pô, cadê o “meu”? Já aprovei todas as emendas, quatro milhões e meio! Quando é que chega o “meu”?

O homem se vinga comendo. O mundo vai mal, o trânsito está pior, as sete pragas do Egito parecem adentrar a sala dos viventes. A vida “lá fora” anda tão lúgubre que guarda semelhanças com o Inferno dantesco – lírico e terrível.

Com tanta hostilidade do lado de fora, o ser humano prefere refugiar-se no seu “interior”, exercitando os sentidos, especialmente o paladar.

Não foi por outro motivo, senão esse abjeto panorama exterior, que o Palato, também conhecido como Céu da boca, deu uma espiada para o lado de dentro do corpo humano e gritou para o Estômago:

– Nem acompanhe o telejornal hoje, meu amigo, porque a “coisa” tá feia! Dá náuseas!

O Estômago, que é um rapaz sensível, não pode ver, sem se sentir enjoado, os acidentes de trânsito, o sangue derramado dos inocentes, os assaltos dos colarinhos brancos à bolsa da “Viúva”, a violência urbana e a insensatez política, as intermináveis CPLs e seus relatórios inócuos.

Disposto a esquecer esse teatro do absurdo, o Estômago gritou para o Palato:

– Hoje quero comer bem e beber melhor!

O Palato, que vive em conjunção carnal com a Língua – essa senhorita carnuda e fofoqueira –, começou a procurar as compensações que o seu dono exigia, por viver naquele mundo tão cruel e perverso.

Compensações “gastronômicas” – e também libativas, só para seguir aquele sábio conselho do filósofo tupiniquim:

– Vamos tomar “mais uma” pra manter o desequilíbrio...

– Vem aí um champanha! – comemorou o Palato. – É um Veuve Cliquot! Haverá bebida mais adequada? O champã da Viúva!

Sorvido o abençoado apéritif, recepcionado pelo Palato e por todo o “encanamento” interior, a dose da Veuve eletrificou o esqueleto do vivente, produzindo um “frisson” de estremecer a espinha. Melhores emoções estavam por vir.

O Palato deu uma espiadela na mesa e informou:

– Hoje é o teu dia de sorte, seu istepô!

– E por quê? – quis saber o Estômago.

– Porque o populismo dos candidatos está pronto para oferecer ova de pescada e caviar a um real!

– Maravilha!

Assim será enquanto imperar o “dólar baixo”. Jorrará leite e Coca-Cola das torneiras. Os professores terão aumento. Os aposentados serão melhor atendidos na fila do INSS. Os restaurantes a quilo oferecerão as mais finas “ingestas”.

– Camarões fritos com caipirinha pra todo mundo, gente!

A gastronomia, já se disse tantas vezes, é uma arte feita para ser destruída. A receita levada à mesa com o desenho digno de uma tela colorida, capaz de honrar a parede de um grande museu, deve ser desfigurada com garfo e faca. Por isso, desde muitos anos, antecipando o atual surto de celulares e câmeras fotográficas, os japoneses quando jantavam nos restaurantes famosos de Paris tinham a prudência de fotografar o prato antes de destrinchá-lo. Providência admirável para perpetuar, não só a imagem que impressionou os olhos, mas também os sabores que marcaram a memória gustativa.

O imenso livro de Proust foi construído sobre a pequena memória gastronômica de uma madeleine. Com o livro, Proust perpetuou – com mais engenho que os japoneses, por certo – a lembrança fugidia da infância.

Assim como a arte da gastronomia se faz para ser destruída, a memória é feita para o esquecimento. O cérebro se encarrega de faxinar constantemente nosso depósito de recordações. O Repórter PH preserva dessa faxina e não cansa de ler e recordar Giuseppe Tomasi di Lampedusa, o maior escritor italiano do século 20, que como Proust recusava essa fatalidade do esquecimento.

Escrevendo, Lampedusa construiu os muros da praça fortificada de suas recordações: “Ter um diário ou escrever a uma certa idade as próprias memórias deveria ser um dever ‘imposto pelo Estado’: o material que se teria acumulado depois de três ou quatro gerações teria um valor inestimável: muitos problemas psicológicos e históricos que assolam a humanidade seriam resolvidos. Não existem memórias, mesmo quando escritas por personagens insignificantes, que não encerrem valores sociais e pitorescos de primeira ordem.”

Lampedusa, durante “o declínio da vida”, dedicou-se a anotar “o mais possível das sensações que atravessaram a existência”. Conseguiu capturar momentos “que sem esse leve esforço seriam perdidos para sempre”. Certas páginas incomparáveis do seu Il Gattopardo, de tão vividas, parecem emergir de um diário. Por exemplo: a noite em que Angélica surge no romance, quando “a sensualidade se mistura com os sabores do jantar”. Visconti recriou essa cena no cinema com mágica delicadeza. Angélica (Claudia Cardinale no esplendor dos 20 anos) vive um jogo sutil de cativante sedução com o Príncipe (o alter ego de Lampedusa, vivido na tela por Burt Lancaster) e Tancredi (Alain Delon) num jantar que é a primeira refeição da família na casa de veraneio: “A porta se abriu e entrou Angélica. A primeira impressão foi de deslumbrada surpresa. Os Salina perderam a respiração; Tancredi chegou a sentir como se lhe pulsassem as veias das têmporas. Ela era alta e bem feita, sua carne devia possuir o sabor da nata fresca, a boca teria o sabor de morangos...”

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



José Luis Arruda, o Repórter PH, Lisieux Campos, Mary Ann Chartrand, Guilherme Belfort e Bernadette Davis



O Repórter PH com Lisieux Campos, José Luis Arruda e Bernadette Davis, um quarteto que agitou São Luís no final dos anos 70 do século passado

JANTAR NO FAROL DA ILHA

A psiquiatra Lisieux Campos está às voltas com suas "irmãs" americanas Bernadette Davis e Mary Ann Chartrand, que estão passando uma curta temporada em São Luís e nos Lençóis Maranhenses – a primeira já conhecia São Luís e a segunda veio conhecer agora.

Sábado, ela reuniu antigos amigos de Bernadette, que ela conheceu aqui há mais de 40 anos, quando fazia intercâmbio, para um jantar em seu apartamento no Farol da Ilha, com a presença de seus filhos Fernanda (e o namorado Apoena Oliveira Vieira) e Guilherme (e a esposa Mariana) e dos amigos José Luis Arruda e este Repórter PH.



Fernanda Belfort e o namorado Apoena Oliveira Vieira



Bernadette com Helena (filha de Fernanda Belfort) e Mirela (filha de Guilherme Belfort)



Mirela, Mariana e Guilherme Belfort



O Repórter PH com as irmãs Clóres e Glorinha Holanda, Lisieux Campos, Mary Ann Chartrand, Marcela Holanda Vilhena e Bernadette Davis

ALMOÇO NO RENASCENÇA

Domingo, Dia dos Pais, as irmãs Bernadette Davis, Lisieux Campos e Mary Ann Chartrand foram recepcionadas pela família deste Repórter PH na residência dos Holanda, no Renascença.



O Repórter PH com o neto do meu coração, Leonardo Holanda Vilhena



Thalisson Vilhena, Clóres Holanda, o PH, Mary Ann, Bernadette, Lisieux e Marcella Holanda Vilhena

A receita que escapou dos canhões

As perdizes à moda das monjas de Estremadura têm origem numa antiga receita portuguesa chamada perdiz ao convento de Alcântara, recuperada no livro Tesouro da Cozinha Tradicional (Lisboa, 1984), e chegou à mesa deste Repórter PH, anos atrás, pela generosidade piedosa do saudoso amigo José Dias.

As origens do prato remontam à invasão napoleônica do início do século 19, quando os franceses, segundo os horrorizados relatos portugueses, saquearam a biblioteca do convento das monjas dominicanas.

Saquear uma biblioteca já seria heresia, imagine quando a violação ocorre num convento: o eventual exagero dessa versão dos vencidos sublinha a impiedade dos invasores. E o que é pior: os soldados pretendiam usar os manuscritos lá encontrados como buchas para os canhões.

Por motivos que escaparam aos historiadores, o general Junot, que assistia impassível à destruição, indiferente à sorte de textos de Camões, Gil Vicente, Antônio Vieira, sensibilizou-se quando viu uma velha coleção de receitas sendo preparada para se transformar em bucha. "Alto lá", disse ele, e arrancou os papéis das mãos de um soldado. Salvou a coleção e deu-a de presente à duquesa de Abrantes, que registrou o fato em suas memórias.

No meio da coleção, foi encontrada a receita de perdizes marinadas no vinho do Porto e recheadas com fígados, que provavelmente a duquesa testou numa ceia a dois com Junot. As recomendações são arrebatadoras: as perdizes devem ficar inteiras, mas desossadas – como se faz com inimigos cordiais, recomenda a duquesa – conservando somente os ossos das pernas e das asas. A seguir, as perdizes devem descansar em vinho do Porto, pimenta e sal. Enquanto isso, refoga-se os fígados de frango em manteiga com alho e passas de uva. Depois recheia-se cada uma das perdizes com essa comovente combinação de fígado e passas de uvas.

A duquesa finalizava com um requinte que cruzou os séculos: batia manteiga com geleia de morango e untava as perdizes nessa mistura passando-as em pimenta que foi moída grosseiramente. A seguir, recheadas, untadas e apimentadas, as perdizes vão ao forno enroladas (hoje em papel-alumínio (na época sabe-se lá o que usavam). Deixe 20 minutos e no final retire o papel-alumínio e permita-se um excesso amável: pincele-as com a mistura de manteiga com geleia, que a vida é curta e precária. À parte, misture vinho do Porto com miúdos numa panela e reduza em fogo forte. Sirva as perdizes com esse molho e decore com morangos. Acompanha, veja só, batata-doce e abóbora.

Coma em silêncio saboreando uma receita que foi salva dos canhões há mais de dois séculos. E agradeça ao general Junot.

A PARIS dos escritores americanos 1919-1939

Há alguns anos desapareceu de minha pequena biblioteca um exemplar do livro "A Paris dos escritores americanos 1919-1939", de Ralph Schor, que ganhei do brasileiro Gilles Lapouge (1923-2020) durante sua última visita ao Maranhão. Perdi o livro e a carinhosa dedicatória.

No começo desta semana, por generosidade do procurador federal na Advocacia Geral da União e estúdio de literatura Georgino Melo e Silva, recebi um novo exemplar de "A Paris dos escritores americanos 1919-1939", Ralph Schor, que aborda o exílio de escritores americanos em Paris durante o período entre guerras, os dois conflitos mundiais do século XX. Ele nos oferece um vislumbre daqueles que foram chamados de Geração Perdida.

Quem já não ouviu falar dos "anos loucos" e da "geração perdida", uma turma barulhenta e talentosa que vai de Ernest Hemingway a Scott Fitzgerald, passando por Henry Miller, Zelda Fitzgerald, Gertrude Stein, Djuna Barnes, Natalie Barnes, Sylvia Beach, René Crevel, Harry Crosby, Cummings, John dos Passos, T.S. Eliot, Ford Madox Ford, John Glassco, Mary Jayne Gold, Peggy Guggenheim, James Joyce, Sinclair Lewis, Anaïs Nin, Ezra Pound (o fascista da turma), Man Ray, Edith Wharton, William Carlos Williams, Thomas Wolfe e mais uma penca de loucos de cara que não citei para encurtar a lista e seguir em frente? Cada nome desse faz tremer. Era um pessoal que fazia.

A "geração perdida" não era feita só de americanos. Tem gente mais velha e mais nova. O francês Ralph Schor, professor universitário aposentado, juntou numa mesma vibe apaixonados por arte, ricos e pobres, donos de salões literários como o de Gertrude Stein, na Rue de Fleurus, 27, poetas, prosadores, fotógrafos, enfim, todos unidos pela mesma paixão: Paris. A França. Daria também para citar os amigos dessa turma nada banal, gente como Picasso, Breton e cia. Três dos componentes dessa "geração perdida" ampliada ganharam o Nobel da literatura: Hemingway, Eliot e Sinclair Lewis. Mais o que mais merecia certamente era Scott Fitzgerald, um dos mais perdidos entre tantos perdidos e achados.

Muitos deles haviam participado de algum modo da Primeira Guerra Mundial. Os americanos queriam fugir da mediocridade consumista dos Estados Unidos. Viam em Paris charme, tradição, cultura e poesia. Frequentaram lugares, como em Montparnasse, que ainda estão em atividade: La Coupole, Rotonde, Select, Dôme, Closserie de Lilas, todo o velho e saboroso Montparnasse que pega o viajante pelo coração. Muitos eram homossexuais e encontravam na França tranquilidade para ser o que eram: "Henry Miller adorava perder-se pelas ruas, nas quais cada desvio reservava uma surpresa encantadora, uma perspectiva, um monumento, uma fachada original", escreve Schor. E cita Miller: "As ruas cantam, as pedras falam. As casas transpiram história, glória, charme". Que nenhum moderno nos ouça: Paris continua assim.

O termo "geração perdida" foi colhido por Gertrude Stein da boca do dono de uma oficina, que se queixava da incompetência de um mecânico para resolver um problema básico. Essa geração queria liberdade, festa, arte, álcool, drogas, viagens, sexo, reconhecimento e emoções de todos os preços. Alguns declaravam amor incondicional à França. Outros, como Fitzgerald, que nunca falou francês

fluentemente, reclamavam bastante, mas ficavam. Era barato para americano viver em Paris nos anos 1920. O câmbio era muito favorável ao dólar. Comia-se bem e barato. Bebia melhor ainda. Era possível montar editoras e publicar em inglês o que seria proibido em casa ou até mesmo em francês. Discutia-se e fazia arte em alto nível. Gertrude Stein deu um conselho a Ernest Hemingway que continua valendo para escritores: "Escreva a frase mais verdadeira que você conhece".

Steinbeck, Sylvia Beach, Henry Miller amavam Paris com paixão. Paris era para eles "o umbigo do universo", segundo a expressão de Miller. Outros nomes surgem como Hemingway, Scott Fitzgerald e Zelda, sua esposa, John Dos Passos, Anaïs Nin ou ainda Gertrude Stein, Edith Wharton, T.S. Eliot, Sinclair Lewis. Um terço dos presentes eram mulheres. Esses escritores estavam em sua maioria na casa dos trinta e fugiram de uma sociedade americana materialista, puritana ou racista para uma nação francesa "com uma reputação lisonjeira".

A Primeira Guerra Mundial foi capaz de facilitar essa fuga, para várias posições, e mostrou-lhes a estupidez e a crueldade da guerra. "Três Soldados" de Dos Passos ou "Farewell to Arms" de Hemingway, entre outros, são testemunhos impiedosos. Outros nomes são discutidos e são desconhecidos para mim, como Sherwood Anderson ou Louis Bromfield. O autor nos fala de seus romances que marcam uma época em que o compromisso guerreiro muitas vezes cedeu lugar ao desinteresse político, com raras exceções como Ezra Pound. Esses romances descrevem os lugares de Paris, bairros populares ou luxuosos, espaços urbanos ou rurais. O passado da capital encanta, seus monumentos suntuosos, as águas cintilantes do Sena. Paris popular, os bairros do submundo atraem alguns, os guinguettes de baixo Meudon outros. A moda parisiense, às vezes baseada em peles de gato, surpreende. Música americana, jazz, revistas "negras" se espalharam, o que levou a uma americanização da sociedade que alguns escritores da Geração Perdida lamentaram, escritores franceses também, como George Duhamel, condenaram. A liberação sexual é outro dos grandes temas dessa boemia onde o lesbianismo é aceito e amplamente praticado. Simplesmente a liberdade é celebrada. Amores adúlteros se multiplicaram. Essa adesão a clichês certamente levaria muito ao desencanto. Os franceses sempre foram tão inteligentes, movidos pela razão, tolerantes? Vários eventos irão contradizer esta imagem. Scott Fitzgerald, entretanto, imediatamente odiou os franceses! Os salões de Nathalie Barney e Gertrud Stein são pontos de encontro animados. Também a livraria Sylvia Beach, a famosa Shakespeare and Company. Jornais e editoras estão se multiplicando. Palácios ou pequenos hotéis foram as moradas desses escritores. Miller ou Hemingway viviam em condições miseráveis.

Eis uma inusitada e giratória visita à cidade "umbigo do mundo", como gostava de lhe chamar Henry Miller, onde todas as experimentações, a audácia, as transgressões pareciam possíveis.

Só tenho palavras para agradecer ao bom amigo Georgino Melo e Silva por me trazer de volta um exemplar desse livro muito interessante para os amantes da literatura. Um livro muitas vezes repetitivo, mas revelador de uma eferescência intelectual e social de uma época que mudou o mundo.

CAPITAL CULTURAL DO MUNDO

Das Cévennes de Stevenson à Provença de Peter Mayle, passando pela Paris de Hemingway, descubra algumas regiões da França através dos olhos coloridos de três escritores anglo-saxões.

Para esquecer uma dor de cabeça, Robert Louis Stevenson decidiu, no outono de 1878, cruzar as Cévennes a pé. Ele é acompanhado em sua jornada por Modestine, um burro adquirido por "65 francos e um copo de aguardente". Em seu diário, o romancista escocês descreve um país onde católicos e protestantes vivem em paz. O que nem sempre foi o caso. Voyage avec un âne dans les Cévennes entrelaça a história de um viajante no século XIX e a da revolta protestante que destruiu essas mesmas montanhas no início do século XVIII.

A obra será um marco: é uma das primeiras obras representativas de um novo gênero, o diário de viagem. Após a morte de Stevenson, sua fama

creceu: sua rota virou atração turística. Tanto que hoje podemos seguir seus passos ao longo do GR70, mais conhecido como "caminho de Stevenson".

Na década de 1920, Paris era a capital cultural do mundo. Artistas e aristocratas de todo o mundo se encontram ali desordenadamente, em busca de diversão e inspiração. Este é o período em que a poetisa e patrona Gertrude Stein se cerca de um grupo de autores americanos tão brilhantes quanto desorientados. Ela os chamará de "Geração Perdida".

Entre eles, Ernest Hemingway. Ele acabou de desistir de seu trabalho como jornalista e está tentando ganhar a vida escrevendo ao lado de Hadley, sua esposa na época. Ele relata a vida boêmia em Paris se une Fête: seu retrato de uma Paris cheia de energia contribui ainda mais para a influência global da capital. Publicitário britânico

aposentado, Peter Mayle mudou-se para a Provença com sua esposa na década de 1980. Ele escreveria um romance lá. Mas, entre as travessuras dos trabalhadores que constroem sua casa, os contrabandistas de trufas da região, o burro rebelde de seu vizinho e mil outras distrações, a vida na Provença se mostra emocionante demais para lhe dar tempo para escrever. Ele embarca na história desta nova vida.

O boca a boca gradualmente fez de Um ano na Provença um sucesso literário retumbante, como diria o jornalista maranhense Benedito Buzar. Leitores na Inglaterra e em outros lugares se deleitam em ver as peculiaridades e hábitos dos franceses dissecados dessa maneira. Mais uma vez, a obra atrai muitos visitantes. Tanto é assim que os vizinhos de Mayle às vezes chegam a acusá-lo de ser a causa da escassez regular de pão na padaria do vilarejo...



Carminha Antoni com a aniversariante e duas amigas

ALMOÇO PARA LUCIA ITAPARY

A Baronesa Lúcia Itapary celebrou seu aniversário com um delicioso almoço no restaurante Rei do Camarão em Brasília, com muita energia e um sorriso fixado no rosto, e com o

coração extremamente bondoso, mostrou quanto é dona de prestígio e carinho. A feliz comemoração foi organizada por Danielle Antoni, Marisa Macedo e Carminha Antoni.

O evento arrecadou fundos para duas instituições das quais Lúcia é voluntária, a Federação de Bandeirantes do Brasil e a Associação Comunitária Amor ao Próximo (do Rio de Janeiro).



Eliana de Freitas, Lia Dinorah, Jane Godoy e Creuza Carvalho



Graci Franco, Marleninha de Souza e Mônica Beraldo



Marisa Macedo, aniversariante e Rita Márcia Machado



Vera Coimbra, Maria Olímpia Gardino e Maryvan Rossi



Mônica Cruz, Elizabeth Campos e Jacqueline Magalhães



Rosalino com a aniversariante, Meirluce Fernandes e Marli Vianna



Ana Loureiro e Ester Campante



Malu Carvalho e Marina Sakamoto



As amigas reunidas com a aniversariante na hora do "parabéns pra você"



Rafaela Azevedo Gomes com a avó materna Yone Azevedo



Rafaela com o irmão Leonardo Azevedo Gomes

Fotos/Divulgação

ANIVERSÁRIO DE RAFAELA GOMES

O empresário Luciano Gomes reuniu parentes e amigos para comemorar com uma tarde festiva em seu apartamento, a nova idade da filha Rafaela.

E o fez com tudo o que ela tinha direito: almoço de quitutes deliciosos, bons vinhos, bolo de aniversário e coro de “parabéns pra você”.



Rafaela ao lado do bolo de aniversário



Luciano Gomes com Zequinha e Marisa Marão



Rafaela com o pai Luciano e Milenne (afilhada de Marival Lobão e Josete), Valentina e Marcelo Sarney



Rafaela era só alegria cercada das pessoas que ela mais gosta



Mesa posta e a aniversariante com suas amigas inseparáveis do Reino Infantil, Crescimento e Flávia Moraes

UMBERTO ECO: sete anos depois, permanece a teoria da conspiração

Sete anos sem Umberto Eco. O escritor, filósofo, professor, semiólogo, intelectual fundamental no mundo inteiro pelas contribuições na literatura, filosofia e academia, deixou uma obra que ainda reverbera nos dias de hoje. A obra mais difundida, traduzida para mais de 40 idiomas, é *O nome da rosa*. O livro foi escrito em 1980 e reflete como o autor, especialista em Idade Média, conseguiu falar e se fazer entender por diferentes públicos. Até mesmo por aqueles que não conhecem os detalhes do período histórico.

Nascido em 5 de janeiro de 1932 em Alexandria, na Itália, ele viveu os primeiros anos dentro do regime fascista de Benito Mussolini no país. Aos dez anos, inclusive, foi vencedor de um concurso de redação que trazia como gancho a questão: Devemos morrer pela glória de Mussolini e pelo destino imortal da Itália? À época, a resposta foi afirmativa, mas, com o fim do governo de Mussolini, em 1943, ele entendeu o verdadeiro significado de liberdade.

Durante a carreira acadêmica, se dedicou à literatura e à filosofia na Universidade de Turim, tendo a estética medieval e os textos de Tomás de Aquino como base. A partir de 1962, também passou a realizar estudos sobre semiótica e a sua relação com a filosofia e com obras de arte. Um dos resultados desses estudos é o livro *Obra aberta* (1962). Em resumo, a coletânea de ensaios passa por literatura, artes plásticas e música, discutindo a capacidade de cada obra ser passível de várias interpretações. Por isso, *Obra aberta*.

Além disso, lecionou na Universidade de Columbia, Harvard, Yale, Universidade de Toronto, Collège de France e fundou o Departamento de Comunicação da Universidade de San Marino.

Além de se empenhar na carreira universitária e acadêmica, Umberto Eco colheu bons frutos na literatura. A ficção *O nome da rosa* foi o pontapé inicial. O romance se passa na Itália medieval, em um mosteiro para o qual um frei vai investigar heresias. Entretanto, crimes e mortes misteriosas mudam o objetivo da investigação. Logo após o lançamento, o livro virou bestseller e lançou Umberto Eco internacionalmente como romancista. Assim como outras obras, *O nome da rosa* é marcado pela ironia característica do autor, narrativa misteriosa, símbolos e codificações.

Outros sete romances foram publicados. Entre eles, o clássico *O pêndulo de Foucault*, *O cemitério de Praga* e *O número zero*. Esse último lançado em 2015, um ano antes da sua morte.

É muito importante falar da produção das personalidades em vida. Entretanto, como ela reverbera na sociedade é igualmente fundamental. Isso porque a memória, o pensamento e discussões nos ajudam a refletir sobre o passado, o presente e o futuro. No caso de Umberto Eco não é diferente. Ele deixou um marco internacional no que diz respeito à semiótica nos estudos da comunicação, filosofia da arte e história da estética.

Em 2015, durante a cerimônia de outorga do prêmio de doutor honoris causa na Universidade de Torino, o romancista, filósofo e teórico da literatura e da linguagem deu uma de suas declarações mais polêmicas. Segundo o célebre autor de *O nome da rosa*, “a internet deu voz a uma legião de imbecis”. O comentário algo ranzinza, por não ser de autoria de algum sorumbático niilista dos tempos digitais, mas sim de um notável comunicador, erudito que alcançou a celebridade pop, especialista de mídias e de comunicação em amplo sentido, não apenas causou significativo furor – na internet em especial, é claro – como também foi levado a sério por muita gente boa, como deveria, mesmo, e resultou em algumas reflexões interessantes sobre as ilusões de nosso entusiasmo digital.

O romance *O nome da rosa*, um mistério de assassinato ambientado em um mosteiro do século 14, tornou-se um sucesso surpreendente. Eco descreve nitidamente o apelo de tal investigação de estilo detetive como sendo essencialmente espiritual, perguntando, quem está por trás de tudo isso?; continuaria com aventuras mais esotéricas como “*O Pêndulo de Foucault*” (1988). Ao longo de sua obra, o frisson da ficção e suas diversas decepções atraíram Eco, desde relatos de viagens especulativas até o fenômeno da mentira.

Os espectadores (e leitores) de uma certa idade podem se perguntar se o perfil de Eco desapareceu um pouco. O documentário de Ferrario apresenta uma figura que se sente mais europeia do que internacional, para não dizer antiquada. (Ele era definitivamente um cara que gostava de explicar seu desprezo pelo celular.) Mas explorar mundos fictícios com Eco como guia continua sendo uma busca divertida e muitas vezes esclarecedora.

Lembro ainda hoje; eu estava em Paris, flanando como jornalista Napoleão Sabóia, quando ele revelou que no dia seguinte iria ter o privilégio de entrevistar Eco em sua residência, em Milão, poucos dias depois de sua famosa declaração sobre a internet, em junho de 2015. Napoleão contou, na volta, que foi recebido por sua esposa, Renate, um pouco espantada pela sua chegada no domingo pela manhã (eles haviam se confundido com o horário agendado para a entrevista, e esperavam à tarde), mas que prontamente lhe preparou um café, se pôs a conversar com ele sobre alguns quadros da casa – ela é especialista em história da arte – e insistiu que ele visse os livros que quisesse enquanto ela tentava contatar o marido – Eco estava se divertindo em uma feira de livros antigos ali pelas redondezas do Castello Sforzesco.

De uma das janelas da sala em que ele o aguardava, avistava uma das torres do Castello. O domingo tornava tudo tranquilo, e a própria experiência dele estar ali para entrevistá-lo, assumia algo de irreal, de fantástico.

Eco chegou pedindo desculpas pela confusão, bastante suado (o calor de junho) e um pouco

molhado da chuva. Prontamente pôs-se a falar. Gentil, interessado no interlocutor – não há como não dizer: bonachão! –, mantinha um charutinho no canto da boca (ele não fumava mais, mas o hábito...) e falava, ao saber que Napoleão recém chegara de um colóquio sobre Aristóteles em Paris, sobre a recepção da Poética do Estagirita na Idade Média, sobre como foi sua paixão pela estética de Tomás de Aquino e sobre como a atual ultra especialização acadêmica o espantava e o aborrecia. Sentiu- em casa e, ainda assim, maravilhado.

Quando passaram à entrevista propriamente dita, centrada em seu romance mais recente – e que seria seu último –, *Número Zero*, e em seus temas principais (jornalismo, desinformação e política, conspirações, etc.), Napoleão contou que foi muito prazeroso ouvi-lo especialmente pela generosidade com que tentava lhe fazer tirar melhor proveito das suas perguntas. Napô, obviamente nervoso, foi se soltando aos poucos graças à experiência do entrevistado, claro.

Quando Napoleão perguntou a Eco sobre sua declaração, quis saber o que ele achava do eventual potencial “crítico” da internet. Sua resposta parece ainda hoje pouco explorada: “No caso da internet, não penso que ela possa fazer a crítica da vida, porque o trabalho crítico significa filtrar, distinguir as coisas, ao passo que a internet é como o personagem do [escritor argentino Jorge Luís] Borges, Funes, memorioso: ela lembra de tudo, não esquece nada. Seria preciso exercer essa crítica – filtrar, distinguir – sobre a própria internet.

Eu, particularmente, sempre digo que a primeira disciplina a ser ministrada nas escolas deveria ser sobre como usar a internet: como analisar e filtrar informações. O problema é que nem mesmo os professores estão preparados para isso. É nesse sentido que eu defendo que os jornais, em vez de se tornarem vítimas da internet, retraindo o que circula na rede, deveriam dedicar espaço para a análise das informações que circulam nos sites, mostrando aos leitores o que é sério, o que é um hoax, por exemplo. Será que os jornais estão prontos pra isso? Seria preciso ter gente especializada em diversas áreas. Obviamente, sendo você um conhecedor de Aristóteles, você consegue reconhecer se um site é bom ou não, mas você não poderá fazer o mesmo com um site sobre teoria das cordas.

A crítica da internet exige um novo tipo de expertise, mesmo para os jornais. E isso é muito importante para os jovens, pois eles não têm, aos 15, 16 anos, os conhecimentos necessários para filtrar as informações a que têm acesso na rede. Ora, assim como quem lê diversos jornais acaba aprendendo a distinguir abordagens distintas da parte dos jornais, os jovens hoje precisam aprender a buscar essa variedade de abordagens nos sites que frequentam.

Sete anos depois, a situação parece apenas ter se degradado – e muito. Das loucuras parcialmente inofensivas que sempre estiverem expostas na rede mundial às teorias conspiratórias mais perigosas, o que os anos seguintes à declaração de Eco nos mostraram é que essas redes viriam a desempenhar um papel decisivo na crise das democracias que todos estamos testemunhando já há alguns anos. (Um filme espetacular sobre isso está disponível no Netflix: *Rede de Ódio*, do diretor polonês Jan Komassa).

Fiz todo esse preâmbulo para confessar que somente agora terminei de ler um outro livro famoso de Umberto Eco, *O Cemitério de Praga*. Confesso, humildemente, que entendi muito pouco. Foi duríssimo chegar até o fim. O italiano é culto demais para este simplório leitor. Eu já tinha apanhado feio de *O Nome da Rosa*, que só se tornou um pouco mais compreensível depois que vi também o filme. Agora só não abandonei no meio da leitura porque sou um taurino obstinado, para não dizer muito do teimoso.

Perdi-me várias vezes na tentativa de acompanhar as peripécias do tal Simone Simonini, anti-herói da trama, exímio falsário, homem de muitas caras e de incontáveis delitos. Pelo pouco que consegui captar, o tema principal do livro é exatamente a falsificação da história, somada a uma espécie de culto ao ódio e ao preconceito contra raças e credos religiosos.

Padres, jesuítas, judeus, comunistas, maçons, franceses, italianos, alemães, russos – ninguém escapa da crítica ferina do autor, evidentemente manifestada pela língua venenosa de seus personagens. Todos são traidores, ladrões, assassinos, covardes. O livro, segundo soube, causou grande desconforto na Europa, mas vendeu como pão quente.

Lamento não conhecer um pouco melhor a história dos povos europeus, pois tenho certeza de que assim o romance faria mais sentido. Vários personagens são reais. Até o Freud desfila pelas páginas do livro. Pena que não explique tanta confusão. Na verdade, o único personagem inventado pelo autor seria Simonini, que também tem múltiplas identidades. E, para complicar ainda mais, o personagem fictício pratica ações verdadeiras.

Ao fechar o livro, me senti aliviado pela missão cumprida, mas também angustiado pela sensação de perda de tempo. O que ficou? – me perguntei como sempre faço ao final de uma leitura como essa.

Além do reconhecimento sincero da minha ignorância em relação ao que li e não entendi, ficou-me a impressão de que o autor passou o seguinte recado: não acredite em tudo que você lê. Tudo pode ser falsificado, dos Protocolos dos Sábios do Sião aos dossiês que nossos políticos produzem em escala industrial para destruir seus adversários.

Concluo pensando que nunca falará leitor para uma boa teoria da conspiração.



A mais nova membro da AMCJSP, Lorena Saboya com Cristiane Lago



Cristiane Lago, que saudou a acadêmica, com Lorena Saboya

LORENA SABOYA NA AMCJSP

A advogada e professora Lorena Saboya foi empossada no último dia 10 (quinta-feira) como membro da Academia Maranhense de Cultura Jurídica, Social e Política (AMCJSP), em uma cerimônia de grande prestígio.

O evento, realizado no Pleno do Tribunal de Justiça do Maranhão, contou com uma seleta plateia de juristas, intelectuais e autoridades locais, que testemunharam a ascensão da advogada ao grupo de imortais.

Lorena foi a única mulher, entre os três novos membros, a

tomar posse na ocasião, consolidando sua destacada carreira e contribuição para o meio jurídico e cultural do estado.

Com uma trajetória pautada pelo comprometimento e dedicação à advocacia, sua entrada na Academia, para ocupar a cadeira de nº 4, patroneada por João Batista Ericeira, marca um reconhecimento merecido ao seu trabalho.

Lorena Saboya foi saudada pela também integrante da Academia, a promotora de justiça Cristiane Lago, que discorreu sobre sua trajetória pessoal e profissional. Cristiane fez questão de destacar que a mais nova

integrante da AMCJSP passou a ocupar a cadeira de nº 4 após rigorosa e criteriosa análise do seu currículo. Emocionada, Saboya agradeceu a honra e demonstrou sua missão em continuar enriquecendo o ambiente acadêmico com discussões construtivas e análises aprofundadas.

Além de Lorena Saboya também foram empossados como novos membros da instituição: Douglas de Melo Martins, que ocupou a cadeira 33, patroneada por Renato Archer, e José Luiz Fernandes Gama, que tomou posse na cadeira 23, patroneada por Nascimento Moraes Filho.



Os novos membros da Academia Maranhense de Cultura Jurídica, Douglas Martins, Lorena Saboya e José Luiz Gama



A juíza de Direito Sara Gama entregando as insígnias ao professor e advogado José Luis Fernandes



A desembargadora Sônia Amaral deu as boas-vindas acadêmicas ao juiz de Direito Douglas Martins



O diretor da SVT Faculdade, Jean Machado, com Lorena Saboya, Silvânia e Sergio Tamer



Lorena Saboya com Eliane Pinheiro, Fatima Saboya e Silvania Tamer



Fatima Saboya, Karla Baldez Saboya, Lorena Saboya e Gilvan Saboya



Lorena Saboya com o marido Erlon Soares e o filho Enri Soares



Lorena Saboya com o filho Enri e os advogados Fernandes Cavalcanti, Erlon Soares, Cássia Gonçalves, Adriana Arouche, e os juízes Pablo Dourado e Thales Andrade



Lorena Saboya com os desembargadores Luiz Gonzaga, Sonia Amaral e Jorge Rachid Maluf



Os advogados José Antonio Almeida Silva e Sergio Tamer ladeando o desembargador Jorge Rachid Maluf

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

_evandrojr

@evandrojr



O diretor da Faculdade de Negócios Faene, Ricardo André Carreira, com a gerente geral do Hotel Blue Tree, Jacira Haickel, após reunião realizada esta semana sobre a masterclass do MBA em Negócios, Gastronomia, Hotelaria e Eventos, curso já lançado e fruto de parceria entre a instituição e o empreendimento hoteleiro. A masterclass acontecerá no dia 25 de setembro, às 19h, no Blue Tree

- Após 20 anos distante da capital maranhense, o Circo Kroner deu início aos seus espetáculos em São Luís. A lona está armada no estacionamento do São Luís Shopping.

- Esta é a quinta passagem do Kroner por São Luís. A primeira visita do circo à capital maranhense foi em 1996. A segunda foi em 1999 e a terceira em 2000. A quarta e última foi em 2003, ou seja, há duas décadas.

- Os espetáculos são apresentados de segunda a sexta-feira, às 20h, e aos sábados, domingos e feriados em três horários: 16h, 18h e 20h30. Os ingressos têm preços a partir de R\$ 25.

- O judoca maranhense Antonio Eduardo Rocha (-66kg), da Academia Monte Branco, foi convocado para defender a Seleção Brasileira no Campeonato Pan-Americano Cadete Sub-18, que será realizado entre os dias 7 e 10 de setembro, em Calgary, no Canadá.

- Atual campeão pan-americano e brasileiro Sub-18, Antonio é um dos 19 atletas selecionados pela Confederação Brasileira de Judô para o evento continental, sendo dez para o torneio masculino e nove para a disputa feminina.



Mulheres empreendedoras assistem à palestra da Adriana Tavares e Brunna Duarte do Dig Club "Sete passos para o networking de valor"



Giovana Gotz e Samira Nicolau



Andressa Silva Bonfim da Costa e Cristiane Lago

Um toque de empreendedorismo feminino

São Luís sediou o primeiro DIG Club na cidade, no Çá Vá Gatrobar, reunindo mulheres executivas e empreendedoras em uma atmosfera de colaboração, conhecimento e inspiração.

As anfitriãs, Polyana Bringel, Amanda Fontes e Andressa Silva Bonfim da Costa, receberam as participantes para somarem no fortalecimento do empreendedorismo feminino maranhense.

O evento contou com duas palestrantes inspiradoras: Brunna Duarte, formada em Comunicação, e Adriana Tavares, empresária, advogada e especialista em negociação.

Elas falaram sobre o tema "Networking vale mais que dinheiro", ressaltando a importância de construir conexões autênticas e colaborativas no mundo dos negócios



Amanda Fontes, Brunna Duarte, Lia e Lara Moreira e Andressa Silva Bonfim da Costa



Andressa Silva Bonfim da Costa e Maria Regina Telles



Amanda Fontes, Polyana Bringel, Marina Reis, Andressa Silva Bonfim da Costa, Brunna Duarte e Adriana Tavares



Andressa Silva Bonfim da Costa, Célia e Sara Rossetti, Brunna Duarte e Adriana Tavares

Assédio em escolas

Foi aprovado em segundo turno, na Assembleia Legislativa do Maranhão, o Projeto de Lei 211/2023, de autoria da deputada Janaína Ramos, que institui a Campanha de Prevenção e Combate ao Assédio Sexual nas Escolas (Escola Sem Assédio). A ação deve ser realizada nas instituições de ensino das redes pública e privada do Estado do Maranhão. A matéria vai à sanção governamental.

Festival gastronômico em Imperatriz

Após sucesso da edição anterior, a Associação Comercial Industrial e Serviço de Imperatriz se prepara para realizar a terceira edição do Festival Gastronômico "Experiência unindo os sabores da Terra". O festival dá início às atividades da 21ª Feira do Comércio e Indústria de Imperatriz (Fecoimp) e tem como objetivo promover, valorizar e divulgar a gastronomia regional.

Parque Saúde

O Parque Botânico Vale preparou uma programação especial voltada à saúde da comunidade, neste sábado, dia 19. O projeto "Parque Saúde" tem parceria com a Prefeitura Municipal de São Luís e vai oferecer mais de 15 serviços de saúde, como: vacinação, consulta médica, coleta para exames de sangue, preventivo do câncer de colo do útero, atendimento psicológico, entre outros.

CLICK do deputado estadual Roberto Costa ao lado da secretária de Estado do Turismo, Socorro Araújo, do deputado estadual Neto Evangelista e do deputado federal Pedro Lucas Fernandes em evento recente em Barreirinhas

